



*Vida da Venerável  
Irmã Ana Madalena Remuzat*

Religiosa da Ordem da Visitação do 1º Mosteiro de Marselha  
Propagadora de Devoção do Sagrado Coração de Jesus

*Vida da Venerável*  
*Irmã Ana Madalena Remuzat*

Religiosa da Ordem da Visitação do 1º Mosteiro de Marselha  
Propagadora de Devoção do Sagrado Coração de Jesus

---

2010

Tradução e Adaptação de  
**Celso da Costa Carvalho Vidigal**

[celsocvvidigal@gmail.com](mailto:celsocvvidigal@gmail.com)

# *Sumário*

Introdução:

O casulo de seda ..... 4

Capítulo 1:

A santa de Auriol ..... 8

Capítulo 2:

A missão da noviça e a cidade do Sagrado Coração ..... 13

Capítulo 3:

33, a morte de Cristo ..... 20

Capítulo 4:

O coração milagroso de Marselha ..... 23

Apêndice:

Oração pela Beatificação ..... 26

## *O casulo de seda*

Como Santa Margarida Maria, a Venerável Ana Madalena Remuzat não inventou a devoção ao Sagrado Coração. Esta existia desde muito tempo, nascida no Calvário. Ao longo dos séculos, tornou-se uma devoção ardente. Na segunda metade do século XIII, teve um singular aumento, com as revelações feitas por Nosso Senhor a duas monjas alemãs cistercienses, Santa Matilde e Santa Gertrudes a Grande. São João Eudes instituiu seu culto público; obteve de muitos bispos a celebração da festa do Sagrado Coração. Fundou e organizou Confrarias do Sagrado Coração. O culto público foi ampliado, definido e recebeu elementos novos com a missão de Santa Margarida Maria e da Venerável Ana Madalena Remuzat.

Santa Margarida Maria acabava de deixar a terra quando a filha das bênçãos predestinada para ser a propagadora da devoção ao Sagrado Coração nasceu, em Marselha, a 29 de novembro de 1696. A antiga cidade de São Lázaro e de Santa Maria Madalena tinha recebido o dom inapreciável da Fé, em primeiro lugar entre as cidades da Gália. Também foi das primeiras a acolher, com entusiasmo e alegria, as revelações feitas a Santa Margarida Maria Alacoque, em Paray-le-Monial. Assim, estava preparada para tornar-se um foco do culto abençoado cuja difusão chegaria às extremidades do mundo.

Madalena Remuzat pertencia a uma antiga e piedosa família. Seu pai, Hipólito Remuzat, foi uma das pessoas mais importantes de Marselha e sua mãe, Ana Constan, era filha de um antigo conselheiro municipal. Algumas horas depois de seu nascimento, foi regenerada na água santa do batismo e recebeu o nome de Madalena. Uma tradição fielmente conservada nos conta que, nesse dia, uma estrela milagrosa apareceu em Auriol, pequeno lugarejo dos arredores de Marselha, e foi vista em pleno meio-dia sobre a casa de verão dos Remuzat.

O Senhor, que reservava para si a alma da Madalena, dotou-a de graças particulares desde seus mais tenros anos. Com freqüência, viam-na juntar as mãos, contemplando o céu, suas primeiras palavras foram estas: “Quero ser religiosa”. Depois, conhecida por afirmar sua precoce intenção de ser só de Deus, sempre recusava qualquer carícia que não fosse de seus pais. As mais raras disposições para a piedade, as qualidades naturais, os dons do espírito e do coração, pareciam já reunidos naquela criança e iam crescer e aperfeiçoar-se, sob a influência de uma educação doce e firme, baseada nos princípios da religião. Bem cedo, dócil e

---

obediente à vigilância de seus pais, reprimiu a vivacidade excessiva de seu caráter e um pronunciado gosto pela vaidade. Logo se manifestou sua tendência para a vida religiosa e, com apenas seis ou sete anos, pediu licença para entrar em um convento. No primeiro momento, o senhor e a senhora Remuzat resistiram prudentemente.

Depois, temendo opor-se à vontade de Deus sobre sua filha bem amada, resolveram colocá-la como pensionista no segundo Mosteiro da Visitação, onde sua parente, Irmã Madalena Seráfica Martin, dirigia o pensionato.

Madalena trazia a essa piedosa casa uma alma inocente e um coração todo aberto para o divino amor, mas também pequenos defeitos inerentes à fraqueza humana, que Nosso Senhor se encarregou de corrigir.

Um dia, cedendo a uma tentação de independência, Madalena se apoderou furtivamente de uns pequenos casulos de seda, que ela não tinha licença para pegar, embora lhe pertencessem. Reprendida por sua falta, negou-a duas vezes e persistiu na mentira até que o sino chamou as pensionistas para a refeição da noite. Aproveitando essa ocasião para escapar de novo interrogatório, fugiu às pressas. Mas, ao passar pelo corredor, seus olhos caíram em um quadro que representava Nosso Senhor recebendo o beijo de Judas, diante do qual passara muitas vezes, sem prestar atenção. Embaixo, estava escrito: “Quem quiser me trair, basta mentir”.

Oprimida pelo remorso, Madalena se ocultou em um canto da igreja e, em lágrimas, implorou a seu Divino Mestre que perdoasse sua falta. Jesus, o doce Salvador, lhe apareceu então, carregando a cruz e com o olhar cheio de tristeza e de bondade, disse-lhe: “Foi você, minha filha, que me pôs neste estado”. A essas palavras, seu coração infantil foi transpassado de dor e de amor. Sob a violência dessas impressões, perdeu o uso dos sentidos e, por longo tempo, ficou arrebatada por Aquele que a atraía. Voltando a si, não pensou em nada mais do que em reparar seus erros e fazer penitência. A partir desse dia, a meditação dos sofrimentos do Salvador lhe foi familiar, e essa criança, tão jovem ainda, deixou-se absorver pelo sentimento habitual da presença de Deus.

*“Quem quiser  
me trair,  
basta mentir”.*

A época da primeira comunhão se aproximava. Preparou-se com fé viva e ardores extraordinários, permanecendo ao pé do tabernáculo todo o tempo que podia e derramando lágrimas em abundância, até o grande dia em que se apresentou

ao banquete dos anjos, em que sua postura profundamente recolhida e seu rosto inflamado deixavam entrever os inefáveis segredos desse primeiro repouso no Coração de Jesus. Formada pelo próprio Nosso Senhor na ciência dos santos, fazia da obediência a sua grande lei e não se perdoava nenhuma falta nessa matéria.

Uma vez, por exemplo, em que se esqueceu de pôr em ordem uma sala de que tinha a responsabilidade, despertou no meio da noite, levantou-se imediatamente para reparar sua omissão e percorreu sozinha longos corredores, apesar do medo que lhe causavam as trevas, acrescido naquela noite pela morte de uma religiosa do mosteiro. Depois da obediência, a mortificação era sua virtude favorita. Com freqüência, pedia licença para usar instrumentos de penitência e se consolava de uma recusa impondo-se numerosas pequenas privações na refeição.

*“Senhor, que  
vos agradecerá  
que eu faça?”*

Muito jovem, sentiu os ardentes desejos de amar e servir a Deus perfeitamente, mas a barreira de sua incapacidade se punha diante dela e, se de um lado, as amorosas exigências do divino Salvador a impulsionavam, de outro, parecia-lhe não poder jamais satisfazê-las. Logo, uma espécie de inquietação indefinível apoderou-se dela. Rezava, repetindo sem parar: “Senhor, que vos agradecerá que eu faça?” Enfim, a 2 de julho, festa da Visitação de Nossa Senhora, depois de ter comungado, ouviu distintamente Nosso Senhor dizer, no fundo de seu coração: “Quero que me sejas fiel”.

Uma graça e uma unção inteiramente sobrenaturais se manifestavam nessas palavras tão breves e simples. Madalena penetrou em seu sentido misterioso e mediu a extensão da fidelidade, essa virtude que leva a dar tudo quanto se recebeu. Imediatamente, declarou guerra implacável contra si mesma e deu início a uma vida heróica em todos os pontos, que devia levá-la em pouco tempo à santidade. Um dia, contemplando seu Salvador coroado de espinhos, sentiu seu coração inflamar-se de amor e, impelida pelo desejo de sofrer dor semelhante, tomou uma longa agulha que prendia seus cabelos e o fez penetrar em sua cabeça com bastante força para provocar uma ferida profunda.

Tinha somente doze anos e já Nosso Senhor podia contar com a fidelidade de seu amor. Não tardou a soar, para ela, uma hora decisiva e solene, entre todas as de sua vida. Estava em oração, desdobrando sua alma diante de seu querido Salvador quando, de repente, Ele se mostrou a ela como se quisesse interrogá-la e lhe disse: “Minha filha, procuro uma vítima”. A essas palavras, Madalena estremeceu. Mas,

---

certa de sua indignidade, não ousou acreditar que era eleita do Senhor. Na simplicidade de seu coração, procurou lembrar-se das pessoas mais santas que conhecia e nomeou uma que lhe parecia capaz de merecer a escolha de Deus.

O divino Mestre respondeu-lhe: “Não, não é ela que eu quero”. Ela apontou uma segunda, depois uma terceira, e sempre a voz divina lhe respondia: “Não, não é ela que eu quero”. Enfim, quando a humilde criança se reduziu ao silêncio, o Senhor Jesus lhe fez ouvir essa palavra de eterna predileção: “É você, minha filha, que escolhi para minha vítima”. Imediatamente, a alegria, o reconhecimento e o amor se expandiram no coração de Madalena e suscitaram uma alegria profunda, que permaneceu por muito tempo. O dardo divino a tinha ferido para sempre. Doravante, a feliz vítima do Coração de Jesus viveria somente da vida desse Coração adorável: “Amor, imolação!”

Porém, passaram-se muitos meses sem que viessem os sofrimentos que ela esperava, objeto de seus desejos. No dia de Santa Teresa, como ela implorasse ao



Senhor que não demorasse em fazê-la participar da cruz, uma voz interior lhe disse: “Serás atendida”. Isso aconteceu no dia 3 de dezembro, festa de São Francisco Xavier, da maneira mais inesperada e mais dolorosa.

Em um instante. Sua alma viu-se envolvida por trevas e privada dos favores sensíveis com que tinha sido cumulada até então: dom das lágrimas, doce sentimento da presença de Deus, deleite na oração, tudo tinha desaparecido para dar lugar a um tédio mortal, a temores e perplexidades sem número. Sua vida lhe parecia um crime contínuo e ela só via em Deus um juiz irritado pronto a puni-la. A tentação veio juntar-se a essas angústias. O inimigo tinha escolhido bem esse momento para atacar essa criança de treze anos, mas o anjo da guarda de Madalena velava. Em face a tão rudes assaltos, ele lhe sugeriu opor as armas sempre vitoriosas da oração e de obediência e não somente ela escapou a todas as armadilhas do inferno como sua coragem cresceu e sua virtude se afirmou na luta.

## *A santa de Auriol*

**D** Senhor a tinha verdadeiramente atendido. Aderindo a seus desígnios de amor, ela se pôs a amar o sofrimento que se tornou, por toda vida, o objeto de sua escolha. O estado interior da jovem pensionista se afastava das vias comuns e a assistência de um diretor experiente se lhe fez necessária. Deus cuidou disso enviando para Marselha um religioso da Companhia de Jesus, homem cheio de sabedoria e prudência, que Madalena procurou, quando saiu do pensionato. Por causa de circunstâncias particulares, ela voltou a residir com sua família, no começo de 1709. O Padre Milley compreendeu, sem dificuldade, que estava lidando com uma alma escolhida e tratou-a enquanto tal. Com conselhos adequados às disposições de sua alma, Madalena recebeu uma regra de vida, simples em aparência, mas que não continha nada menos do que a perfeição no meio do mundo.

Os maravilhosos efeitos da graça se tornaram visíveis em toda sua conduta. A amável menina cercava seus pais com respeitosa ternura e atenções delicadas. Ao mesmo tempo, dedicava-se com cuidados especiais a seus numerosos irmãos e irmãs. Os dois mais velhos, Gabriel e João Francisco, obedeciam sem dificuldade a seu precoce juízo e seu caráter encantador tornava sua presença necessária nas alegres diversões dos três menores: Noel Justiniano, José Jacinto e Carlos.

Suas pequenas privilegiadas, Catarina e Maria, apreendiam com ela a amar a Deus, enquanto Ana, a irmã mais velha, lhe comunicava com simplicidade e confiança seus mais íntimos pensamentos.

Toda a família passava o verão no castelo da Glacière, situado perto de Auriol. Lá, como em Marselha, a oração, o trabalho e as obras de caridade ocupavam uma larga parte dos dias de Madalena. Enfeitar os altares, ensinar às crianças da aldeia, visitar os pobres doentes, eram suas práticas diárias. Depois de ter dado tudo que a liberalidade de seus pais punha à sua disposição, despojava-se dos objetos que tinha demais, até mesmo de suas roupas. E as crianças e os pobres a amavam e já a bendiziam com voz unânime, chamando-a de santa.

Ademais, sempre engenhosa em procurar o sofrimento, entregava-se, tão secretamente quanto possível, a rudes mortificações. Uma das mulheres de serviço da Glacière, espantada com vê-la recusar constantemente suas ofertas, suspeitou de algum mistério.

Aproveitando uma ocasião, entrou em seu quarto e levantou as cobertas de seu leito que parecia muito macio. Que viu? Uma tábua rude sobre a qual a delicada Madalena repousava todas as noites. A fiel empregada não soube guardar para si o segredo: revelou-o, pouco a pouco, e a jovem Remuzat tornou-se logo conhecida como um anjo de virtude e de inocência.

Em 1710, um fato de que os moradores de Auriol foram testemunhas confirmou-os para sempre na opinião que eles tinham formado sobre sua santidade. Madalena tinha se encarregado de fazer despertar os trabalhadores, todas as manhãs, para que eles pudessem assistir à missa que se dizia às cinco horas. Léger, o chefe, levava ali seus subordinados e encontrava-se habitualmente com Madalena, que também ia à missa. Um dia, as águas do riacho Le Basseron haviam transbordado devido às chuvas e a pequena caravana teve de voltar atrás. Mas, Léger contava mais tarde, nosso pequeno Anjo não fez como nós. Enfrentou as águas e logo nós a vimos do outro lado sem podermos explicar como as atravessara. O mais surpreendente é que a parte inferior de seu vestido sequer ficou molhada.

Com efeito, a santa criança havia atravessado a pé enxuto o riacho que saíra do leito. Depois de ter assistido à missa, voltou tranquilamente para casa, reprovando a falta de coragem dos que não tinham ousado acompanhá-la. O bom Léger nunca esqueceu esse fato, recontava-o com frequência e seus descendentes o repetiam com a mesma convicção.

Madalena passou assim dois anos no mundo, exercendo um verdadeiro apostolado sobre todos os que se aproximavam dela. A beleza de sua alma se refletia em seu rosto marcado por uma virginal modéstia. Suas maneiras afáveis e dignas, sua conversa edificante impunham respeito e faziam sentir a presença de Deus. Uma irradiação toda divina parecia fazer-se em torno da piedosa jovem e ela tornou-se, sem saber, objeto de uma espécie de veneração.

*Enfrentou as águas e logo nós  
a vimos do outro lado sem  
podermos explicar como  
as atravessara.*

*O mais surpreendente é que a  
parte inferior de seu vestido  
sequer ficou molhada.*

Assim, quando, desdenhando a felicidade terrena, pediu ao claustro que abrigasse sua virtude, ela tinha adquirido uma verdadeira influência em sua cidade natal que, no momento apropriado, devia lhe facilitar a realização da ordem celeste. Para responder a uma vocação maduramente examinada e provada por seu diretor, ela apresentou-se ao

---

primeiro Mosteiro da Visitação. O nome bem conhecido da família Remuzat e a reputação pessoal de jovem lhe obtiveram a mais favorável acolhida e sua admissão foi marcada para 2 de outubro, festa dos Santos Anjos, que coincidiu, em 1711, com a primeira sexta feira do mês. Na manhã desse dia, Madalena emocionada e recolhida, saiu sozinha da casa paterna e atravessou a soleira do asilo sagrado onde, para sempre, seu Bem-Amado ia ser todo dela e ela toda dele. Foi recebida pela Reverendíssima Madre Ana Teodora Nogaret, então superiora, e pela diretora Irmã Ana Agostinha Gravier, ambas religiosas de rara virtude.

Madalena queria ser religiosa em toda a acepção da palavra. Ligada e dedicada a Deus sem reserva. “Desde o primeiro dia, escreveu a Madre Nogaret, pareceu formada para todas as práticas de nossas santas regras, e via-se que caminhava para o que a perfeição tem de mais sublime e puro”. Com essas disposições, recebeu o santo hábito e o nome de Ana Madalena, a 19 de janeiro de 1711. O bispo de Marselha, Monsenhor Henri François-Xavier de Belsunce-Castelmoron, a conhecia e tinha examinado sua vocação. Quis presidir a cerimônia, à qual compareceu grande número de pessoas.

O grande ano da provação abria-se para Ana Madalena, que se entregou inteiramente à “demissão de si mesma”, conduzida por suas superiores. Estas, de seu lado, secundaram constantemente e fielmente as intenções do Salvador sobre a vítima que Ele tinha escolhido. A fim de confirmá-la em uma profunda humildade, elas a repreendiam e mortificavam, a todo propósito, e desaprovavam o que lhe tinha custado muito trabalho e cuidados. Até mesmo, opunham-se a suas mais santas inclinações. Contudo, nada perturbava a fervorosa noviça. Não se conseguia rebaixá-la tanto que ela não se abaxasse mais ainda, tanto se desprezava sinceramente. Dizia: “Sei que sempre há razão para me culpar e não posso fazer nada

*A fim de confirmá-la em uma profunda humildade, elas a repreendiam e mortificavam, a todo propósito, e desaprovavam o que lhe tinha custado muito trabalho e cuidados. Até mesmo, opunham-se a suas mais santas inclinações.*

melhor do que me calar”. Em agosto de 1712, sua irmã, Ana Remuzat veio unir-se a ela no noviciado e, como suas companheiras, sofreu o ascendente de uma virtude que excitava a admiração de todas. A diretora, vendo a Irmã Ana Madalena evidentemente dotada por Deus e perfeitamente dócil a seu espírito, acreditou poder, antes mesmo de sua profissão, encarregá-la de iniciar as noviças nas primeiras observâncias da regra. E, até mesmo, determinou que orientasse a

todas as jovens Irmãs que quisessem lhe falar de sua vida interior. Nessa prova de confiança, a humilde noviça não viu mais do que mais uma obrigação de ser modelar em tudo.

Esclarecida por uma luz divina, ela lia como em um livro aberto a alma de suas companheiras e lhes revelava as coisas mais íntimas. Segundo testemunho das mesmas, houve, então, maravilhosas mudanças nos espíritos: muitas vocações inseguras foram fortalecidas e percebeu-se que as orações da santa noviça e sua simples presença eram um socorro poderoso nas tentações. Para fazer contrapeso às graças com que Ele adotava, o Senhor fazia sua querida vítima passar pelo crisol de penas e desolações interiores. Às vezes, passava noites inteiras em angústia indescritível, mas, no dia seguinte, cumpria seus deveres, dissimulando seu sofrimento com inalterável serenidade.

A doce noiva de Jesus estava pronta e suspirava pelo dia da suprema aliança. Esse dia de perdurável bênção, para ela e para a feliz comunidade que a admitia em seu seio, foi 23 de janeiro de 1713. Nesse dia da tomada de hábito, houve uma grande afluência de pessoas na igreja e o ilustre bispo de Marselha ofereceu ao Senhor a inocente hóstia que as chamas do puro amor consumiriam em poucos anos.

No dia de sua profissão, aumentou a impressão de santidade que outrora tinha dado a todos os que dela se aproximavam. Logo depois, um número considerável de pessoas quis vê-la, para pedir orações, expor seus problemas e consultá-la. Alarmada com essa procura inusitada, a jovem professa tentou evitar as visitas, mas foi em vão. Suas superiores, depois de terem cedido a suas instâncias e ter prudentemente afastado toda espécie de visitante durante um ano, lhe ordenaram que fosse ao parlatório todas as vezes que fosse chamada. Não era mais possível duvidar: Deus queria que ela exercesse junto às almas uma espécie de ministério excepcional, único mesmo na história da Visitação. Para isso, Ele tinha dotado sua serva com os dons da profecia, de uma visão sobrenatural das consciências e do conhecimento dos acontecimentos que se passavam ao longe. Inumeráveis fatos o provaram e viu-se, então, em Marselha, um espetáculo inaudito: uma jovem religiosa, de dezenove a vinte anos servir de árbitro nas questões mais obscuras e decidir com tal autoridade que toda objeção desaparecia diante de sua palavra: “A Irmã Remuzat disse”.

*Logo depois, um número considerável de pessoas quis vê-la, para pedir orações, expor seus problemas e consultá-la.*

---

Até mesmo o bispo, Monsenhor de Belsunce, recorria a suas luzes, seja para assuntos de sua diocese, seja para seu bem pessoal. Como ele mesmo afirmou, sempre foi feliz com ter dado ouvidos a seus conselhos. Conforme lamentável costume da época, o bispo não celebrava a missa todos os dias. Deus encarregou a jovem religiosa de dizer-lhe que se entristecia muito com isso. Ela transmitiu a advertência divina ao prelado, na primeira visita que este lhe fez. Recebeu a mensagem friamente, mas, depois, passou a celebrar diariamente. Então, Jesus encarregou Ana Madalena de lhe dizer que estava satisfeito por ele celebrar todos os dias, o que Monsenhor Belsunce ouviu e nunca mais teve dúvidas sobre as instruções que ela recebia do Altíssimo.

Entretanto, a humilde virgem, cujo nome estava em todas as bocas, continuava pequena, diante de si mesma, só pensando em diminuir, e a obediência era a sua salvaguarda. Apoiada na palavra de sua Superiora, dirigia-se às criaturas como um anjo portador de alguma mensagem celeste e com o olhar de sua alma fixado em seu Bem-Amado. Voltando à sua solidão, passava longas horas ao pé do tabernáculo, rezando pelo mundo que não reza e abraçando-se com tais ardores que, ao sair da oração, seu rosto parecia em fogo e como transfigurado. Com autorização de Monsenhor de Belsunce e da Madre Nogaret, comprometeu-se por voto, desde os primeiros anos no convento, a fazer, por toda a vida, o que ela cresse ser o mais perfeito. Em compensação por tão generosa decisão, Nosso Senhor deu-se liberalmente à sua fiel esposa: foi logo admitida à comunhão quotidiana.



## *A missão da noviça e a cidade do Sagrado Coração*

**J**á havia transcorrido nove meses, desde sua profissão, quando Ana Madalena recebeu do Céu a missão especial que a constituiu em propagadora da devoção ao Sagrado Coração. Essa importante comunicação lhe foi feita no dia 17 de outubro de 1713, conforme ela contou em carta dirigida a seu diretor, datada de 14 de outubro de 1721: “Sexta feira próxima, dia da morte de nossa Venerável Irmã Alacoque, fará oito anos que Jesus Cristo me fez conhecer, de maneira especial e extraordinária, seus desígnios sobre mim, com respeito à glória de seu Coração adorável. Se esta carta vos for entregue antes da sexta feira, vós me fareis o favor de não esquecer, no altar, de dar graças a Deus”. Ao confiar a Ana Madalena sua missão no dia do aniversário da morte de Santa Margarida Maria, Nosso Senhor dava a entender que aquela devia, ao realizar sua missão particular, continuar e completar a missão desta.

Os detalhes dessa revelação, especial e extraordinária, permaneceram como segredo da feliz privilegiada, mas o zelo ardente que a consumiu desde então e a parte que ela teve nos grandes acontecimentos que provocaram a difusão do culto do Sagrado Coração, deixam adivinhar o que ela não contou.

Tinha chegado o momento em que o Salvador podia associá-la, como Vítima e como Apóstola, à sua obra redentora. Com extrema violência sobre si mesma, a humilde religiosa cumpriu sua delicada missão junto às almas e, muito freqüentemente, sua caridade tão pura e seu zelo só foram pagos com maus tratos, amargas queixas e mesmo injúrias. Contudo, ela era feliz com isso, contanto que, cedo ou tarde, seu Salvador triunfasse nas almas perdidas. No fim de sua vida, levando bem longe esse heróico desapego, ela comprometeu-se, por voto, a 8 de dezembro de 1727, sob os auspícios da Santíssima Virgem e com a aprovação de seus Superiores, a sempre “rezar, sofrer e agir exatamente conforme à inspiração que Deus lhe desse e em favor das pessoas a quem Ele desejasse que aplicasse suas orações e seus sofrimentos”. Assim, o divino Sacrificador poderia dispor dos frutos do sacrifício e a Vítima reservaria para si apenas o direito de ser imolada.

Ana Madalena, tão altamente favorecida por Deus, só se distinguia exteriormente de suas irmãs por sua humildade profunda e a mais exata fidelidade a todos os seus deveres religiosos. Obedecia com todo o rigor à regra da obediência e não transmitia senão caridade, na vida comum.

---

Nomeada mestra das pensionistas, desde sua saída do noviciado, empenhava-se, junto às meninas que lhe eram confiadas, com a sabedoria e a abnegação de uma santa, unidas ao devotamento e à ternura de uma mãe.

A doce Vítima do Sagrado Coração tinha uma sede insaciável de sofrer para vingar os ultrajes feitos a seu bom Mestre. Mas a Madre Nogaret, conhecendo a fraqueza de sua saúde, moderava seu ardor pela penitência. Um dia, contudo, querendo conhecer, a esse respeito, a vontade de Deus, a superiora ousou pedir um milagre. Como Madalena pedisse permissão para passar a noite em oração, disse a Madre: “Consinto, com a condição de que você obtenha a cura de sua enxaqueca. Com esse sinal, saberei que é Deus que opera em você e a entregarei a seu Espírito”. O milagre foi obtido. Ana Madalena nunca mais mostrou sinal dessa doença. Daí em diante, autorizada a seguir o impulso de seu fervor, exerceu sobre si santas crueldades. Tomava, diariamente, uma sangrenta disciplina, usava cilício, braceletes de ferro e um coração armado de pontas agudas. Seu alimento diário se reduzia a uma só refeição. Passava três noites por semana diante do Santíssimo Sacramento, para se unir à dolorosa agonia de seu Salvador.

Enfim, durante o retiro de 1716, transportada a si mesma pelo amor que a dominava, tomou um ferro em brasa e gravou, sobre seu coração, o nome bendito de Jesus; sobre o braço direito, a figura de um coração atravessado por duas flechas; e, sobre o peito, o santíssimo Nome de Deus. As chagas profundas assim provocadas logo se mostraram mais perigosas do que a heróica amorosa o tinha previsto. Como ela se resignasse a tratá-las com os cuidados necessários, o Senhor, Ele mesmo, se tornou seu médico e seu remédio, com uma cura súbita.



Vivia-se o tempo infeliz em que o jansenismo semeava por tudo suas perniciosas doutrinas. Ana Madalena, cheia de dor por ver “Deus tão ofendido e tão pouco amado”, buscava na amargura de seu coração alguma compensação para sofrer. Foi então que a Associação Perpétua do Sagrado Coração lhe foi mostrada como uma fonte de santificação para as almas e um meio de dar a seu Divino Mestre “um grande número de amigos com os quais Ele poderia contar”. Depois de ter obtido a autorização de seus Superiores, ela

fez pedir em Roma dois breves de indulgências, que foram concedidas por Clemente XI, em 28 e 30 de agosto de 1717. Em seguida, ela mesma redigiu os estatutos da Associação, em algumas páginas admiráveis de precisão e de simplicidade. E s s e s estatutos, que mereceram uma elogiosa aprovação de Monsenhor de Belsunce, foram impressos pela primeira vez em 1718 e se difundiram tão prontamente que foi preciso fazer diversas edições. A Confraria assim erigida tinha o mesmo fim que as que já existiam em muitos mosteiros da Visitação: prestar ao Coração de Jesus um culto incessante de reparação, de adoração e de amor. Tal pensamento respondia tanto à necessidade das almas fiéis que foi recebido com grande entusiasmo.

O bispo de Marselha quis inscrever seu nome em primeiro lugar no registro dos associados e grande número de fiéis seguiu seu exemplo. O mosteiro foi como que sitiado e Ana Madalena não tinha tempo para inscrever todas as pessoas que queriam fazer parte da Confraria. Logo, todas as famílias piedosas e

*“Quando será que o  
Coração de Jesus  
receberá de toda a  
Igreja o culto que Ele  
espera?”*

comunidades de Marselha e dos arredores se alistaram sob a bandeira do Sagrado Coração. Ainda era muito pouco, segundo a propagadora, a quem seu bom Mestre tinha dito no segredo do recolhimento: “Recebe a participação nas riquezas de meu Coração e trabalha para honrá-lo e fazê-lo honrar por toda a terra.” Para atingir esse fim, quanto ela fez e sofreu? Ela rezava, exortava e enviava aos mais remotos lugares os livretos da Associação, acompanhados das mais prementes cartas. Em menos de doze anos, os nomes de sessenta mil associados foram inscritos nos registros da Confraria de Marselha. Entretanto, os desejos da ardente Apóstola não conheciam nenhum limite. O que ela mais desejava para homenagear o Sagrado Coração era uma festa tão solene como a do Santíssimo Sacramento. Escrevia: “Quando será que o Coração de Jesus receberá de toda a Igreja o culto que Ele espera? Ficarei maravilhada se puder contribuir para isso com minha própria destruição e, de todo o coração, direi: Que Ele reine e que eu morra!”. Tais arrebatamentos de amor subiam ao Céu e apressavam sem dúvida a realização dos planos divinos.

É importante conhecer sua participação na criação da ladainha do Sagrado Coração de Jesus. Esta foi composta originalmente pelo Padre Croiset, em 1691, com dezessete invocações, às quais, em 1718, Ana Madalena acrescentou mais dez, completando vinte e sete invocações, que fazia os associados da Confraria do Sagrado Coração de Jesus recitar, por ocasião da peste que se abateu na cidade em 1720. Em fins do século XIX, a Santa Sé proibiu a recitação pública de ladainhas que não fossem expressamente aprovadas, mas, em 1899, a Sagrada Congregação dos

---

Ritos tomou a ladainha e lhe acrescentou mais 6 invocações completando trinta e três invocações, uma para cada ano de vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja recitação foi aprovada pelo Santo Padre Leão XIII, para uso público.

Durante as “quarenta horas” que precederam a Quaresma de 1718, o Santíssimo Sacramento estava exposto na Igreja dos Frades Menores, onde se encontrava numerosa multidão. De repente, Jesus Cristo mostrou-se visível na hóstia, lançando sobre os fiéis reunidos olhares ao mesmo tempo tão ternos e tão severos que ninguém podia suportá-los. No mesmo instante, Ana Madalena soube do prodígio por uma via sobrenatural e Deus lhe revelou que, se a cidade não se rendesse a esse apelo de misericórdia, Ele a castigaria de maneira tão terrível que todo o universo ficaria espantado. A Serva de Deus contou os detalhes dessa revelação a Monsenhor de Belsunce, por intermédio do Padre Milley. O bispo exortou seu povo à penitência, mas sua voz não foi ouvida.

*Só se ouviam gritos e gemidos. Pelas ruas, encontravam-se carroças cheias de cadáveres.*

Transcorreram dois anos, depois dos quais desencadeou-se a tempestade provocada pelas antigas desordens e o abuso das novas graças. Em 25 de maio de 1720, um navio, o Grand Saint Antoine, abordou o porto de Marselha trazendo a desolação e a morte. A natureza do mal, algum tempo dissimulada, foi reconhecida no dia 26 de julho: a peste reinava na cidade. No início de agosto, morriam de 300 a 400 pessoas por dia; esse número logo aumentou e chegou a 1.500. A população, atemorizada, espalhou-se pelos campos, morando em tendas. Outros se refugiaram em barcos, para viver sobre o mar. A guarnição militar se retirou para os fortes e dez mil prisioneiros das galeras, entre os quais a epidemia começava a se espalhar, foram postos em liberdade. Marselha se tornou um objeto de horror. Só se ouviam gritos e gemidos. Pelas ruas, encontravam-se carroças cheias de cadáveres. A fome se juntou à peste e, em três meses, a grande cidade tinha perdido a metade de seus habitantes. O heróico Monsenhor de Belsunce permaneceu intrépido no meio dos mortos e moribundos.

Depois de ter dado tudo o que possuía, comprometeu ainda seus rendimentos de muitos anos e se reduziu a não comer mais do que pão preto. As religiosas enclausuradas tinham recebido do prelado autorização para sair de seus conventos para fugir do flagelo. Mas um grande número dessas piedosas solitárias e, em particular, as filhas da Visitação, preferiram guardar suas regras, com perigo de sua vida. Fortalecidas por inabalável confiança em Deus e tranqüilas em seus santos asilos, elas rezaram e fizeram penitência pela cidade culpada. Sobre tudo Ana Madalena elevou ao céu suas mãos súplicas, “oferecendo-se a Deus um milhão de vezes, escreveu

a Madre Nogaret, para ser sua vítima e receber todo o peso de sua cólera e de sua vingança”. Uma tão generosa oferta foi aceita. Um indizível martírio moral uniu-se aos sofrimentos físicos de Ana Madalena, que fora privada de um precioso apoio. O Padre Milley, o admirável auxiliar de Monsenhor de Belsunce, tinha sucumbido no dia 2 de setembro, mártir de seu devotamento a serviço dos empesteados. A conselho de sua Superiora, Ana Madalena recorreu a sua intercessão e o Servidor de Deus apareceu-lhe em uma nuvem de glória, com o que ela se sentiu subitamente libertada, senão de todos os sofrimentos, ao menos de suas cruéis apreensões e a paz voltou a sua alma.

*“Oh, feliz flagelo, pois  
deve trazer a glória do  
Coração de meu  
Salvador!”*

Uma maior consolação seguiu de perto essa primeira graça. A doce vítima estava um dia em oração, quando seu divino Mestre lhe revelou que atenderia a seus pedidos, ainda que não o fizesse imediatamente. Que o tempo da misericórdia viria e que, a par da calamidade que afligia Marselha, ela veria estabelecer-se a festa em honra do Sagrado Coração, objeto de seus ardentes desejos. Esse anúncio a levou a transportes de alegria, dizendo: “Oh, feliz flagelo, pois deve trazer a glória do Coração de meu Salvador!” Não teve mais do que essa reação, mas sua Superiora, a Madre d’Orlyé de Saint-Innocent, mandou que redobrasse suas orações e Nosso Senhor dignou-se dar-lhe a garantia de que o contágio cessaria e ditou as condições da paz oferecida a seu povo. Pediu “que se instituísse uma festa solene no dia que Ele tinha escolhido para honrar seu Sagrado Coração e, enquanto esperava que se lhe prestasse essa homenagem, era preciso que cada fiel se dedicasse por uma oração, à escolha do bispo, a honrar esse Coração adorável”.

Monsenhor de Belsunce, a quem a humilde religiosa transmitiu essa revelação, viu logo que esta vinha do Céu e, sentindo a confiança renascer em sua alma, apressou-se em cumprir a ordem do Senhor. Por mandamento de 22 de outubro de 1720, estabeleceu como festa de preceito em sua diocese, a festa do Sagrado Coração de Jesus, com missa e ofício próprios. Ademais, diz um contemporâneo, “para realizar o plano que a Irmã Ana Madalena havia traçado”, no dia de Todos os Santos, com os pés nus e uma corda no pescoço, ele foi a um altar levantado no alto da avenida que hoje tem o seu nome. Ali, rezou uma oração de reparação, seguida da consagração da cidade e da diocese ao Sagrado Coração. Em seguida, celebrou o santo sacrifício da missa. Nesse mesmo dia, a peste diminuiu e, pouco depois, desapareceu inteiramente.

---

Importa lembrar aqui uma devoção que Ana Madalena introduziu em Marselha, nessa ocasião. Santa Margarida Maria Alacoque, em carta de 2 de março



*“Alto! O Coração de  
Jesus está comigo”*

de 1686, comunicou a sua Superiora, Madre Saumaise um desejo que Nosso Senhor lhe revelara: “Ele deseja que a Senhora mande fazer uns escudos com a imagem de seu Sagrado Coração, afim de que todos aqueles que queiram oferecer-Lhe uma homenagem, os coloquem em suas casas; e uns menores, para as pessoas levarem consigo”. Foi assim que nasceu o costume de utilizar esse Escudo. Mais tarde, tornou-se conhecido pelo nome de “Détente”, palavra francesa inicial dos dizeres que continha, que em português significa “Alto!”. O escudo é encimado pelo texto: “Alto! O Coração de Jesus está comigo”. No meio do escudo, a imagem do Coração de Jesus e, abaixo “Venha a nós o Vosso Reino”. Santa Margarida Maria levava-o sempre consigo e ensinava suas noviças a fazerem o mesmo. Confeccionou muitos deles e dizia que seu uso era muito agradável ao Sagrado Coração. A autorização para seu uso, no começo, foi dada apenas aos conventos da Visitação.

Assim, passou a ser difundida por Ana Madalena. Quando Nosso Senhor lhe fez saber o mal que causaria a epidemia em Marselha, assim como o auxílio que os marselheses receberiam com a devoção ao Sagrado Coração, Ana Madalena fez, com a ajuda de suas irmãs de hábito, milhares desses Escudos do Sagrado Coração e os distribuiu por toda a cidade. A epidemia não contagiou muitos dos que portavam o Escudo, e as pessoas contagiadas tiveram extraordinário auxílio com essa devoção. Em outros lugares houve fatos semelhantes e, depois, o costume se estendeu por outras cidades e países e por todo o mundo católico.

Todavia, a reparação feita à justiça de Deus permanecia incompleta. Os magistrados não tinham participado da cerimônia de 1º de novembro. Ademais, Marselha, tendo esquecido suas infelicidades e suas promessas, entregou-se novamente ao crime e à impiedade. Assim, quando menos se esperava, em meio de 1722, a peste voltou mais ameaçadora do que antes. Sem dificuldade, Belsunce descobriu a causa do mal e indicou seu remédio. A seu convite, os funcionários da justiça fizeram uma promessa, “por si e seus sucessores,

perpetuamente, de todos os anos, na sexta feira depois da oitava da festa do Santíssimo Sacramento, assistir à missa na igreja do primeiro Mosteiro da Visitação, chamada das Grandes-Marias, comungar e oferecer um círio de cera branca pesando quatro libras, ornado com o brasão da cidade, para arder nesse dia diante do Santíssimo Sacramento, e participar, na noite do mesmo dia, de uma procissão geral que teria lugar na catedral”. Realizou-se pela primeira vez no Mosteiro da Visitação, no dia 12 de junho seguinte, e a peste diminuiu imediatamente sua devastação, de maneira tão evidente que ninguém poderia negar que tenha sido um prodígio.

Isso feito, Marselha tornou-se a cidade do Sagrado Coração. Ela ia, segundo a expressão do seu grande bispo, “anunciar sua libertação até as extremidades do mundo e publicar a glória de seu Libertador, entre as nações”. A diocese de Marselha, feliz e orgulhosa de ser a primeira consagrada ao Sagrado Coração de Jesus, devia ver seu exemplo imitado, nos anos seguintes, por todas as igrejas do mundo. Nos memoráveis acontecimentos que acabavam de acontecer Ana Madalena tinha sido o anjo inspirador do heróico Belsunce. Uma parte essencial de sua missão estava terminada. Na alegria de sua alma, ela via o triunfo do Sagrado Coração e afirmava que “essa devoção teria logo grandes acréscimos, mas eu não os verei”.

---

### 33, a morte de Cristo

**E**iente, desde seus primeiros anos, de que morreria aos trinta e três anos, ela apressava o passo para atingir o cume da montanha do puro amor. Nesse período de sua vida, a fiel esposa de Jesus foi cumulada de favores extraordinários. Habitualmente, as três pessoas da Santíssima Trindade se manifestavam a ela. Por fim, dignaram-se contrair com sua alma uma aliança de misericórdia e de amor. Exclamava: “O que fiz a Deus para que Ele se mostre assim para comigo?” Ou, então: “Que é preciso que eu faça? Que arraste a Ele todos os corações?” O Espírito Divino se apoderava muitas vezes de sua alma e a punha em êxtase, o que, por humildade ou para exprimir a força da ação sobrenatural, ela chamava de “arreatamentos”. Dizia: “Se isso continua, é necessário morrer, mas de uma bela morte!”

Tal era a santa religiosa, quando a virtuosa Madre Nogaret, certa de sua virtude, nomeou-a ecônoma do mosteiro, sem consultar nem seu gosto nem suas forças. A Comunidade viu então, com profunda edificação, essa verdadeira extática deixar, ao primeiro sinal da obediência, as doçuras da contemplação e exercer seu penoso trabalho com uma previdência, uma abnegação e uma caridade sem limites. A jovem religiosa mostrou, por toda a sua conduta, que as vidas de Marta e de Maria não são incompatíveis, para a alma de fé e obediência. Tomou para si a maior parte do trabalho, confessando, contudo, que uma força milagrosa lhe era dada sempre, durante o trabalho, e que seu espírito não se desviava nunca de Deus pela grande quantidade de ocupações. Com efeito, foi prosseguindo com tanta simplicidade sua tarefa de devotamento que Ana Madalena terminou de se consumir nos ardores do martírio de amor.



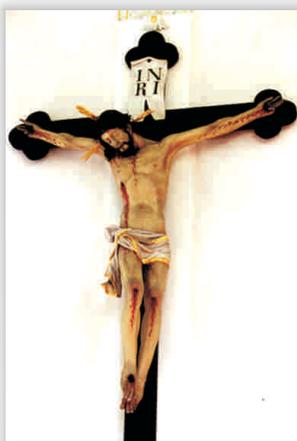
Nos últimos anos de sua vida, enquanto a parte superior de sua alma se iluminava de celestes claridades, a inferior foi entregue ao mais completo abandono. Seu coração foi ferido por indefiníveis angústias e, para que nada fosse poupado do fogo do sacrifício, os sagrados estigmas exerceram uma secreta destruição de sua carne inocente. Bem que, por uma Divina condescendência, o Salvador permitiu que essas marcas nunca fossem visíveis, elas eram dolorosas. Parecia-lhe, a cada instante,

---

que introduziam grossos pregos, nos pés e nas mãos, e que se lhe queimavam os lados com carvões ardentes. Prouve a Nosso Senhor, enfim, colocar um selo incomparável na aliança que Ele tinha contraído com a vítima de seu Sagrado Coração. Este, um dia, apresentando-se a ela, tomou seu coração colocando-o em si mesmo e devolveu-o em seguida, qual fogo ardente. Formou-se, então, no lugar em que ela sentiu a divina ferida, uma elevação em forma de coração que não tinha nada de natural e só desapareceu no dia de sua morte.

Essa graça lhe foi concedida no dia da Apresentação da Santíssima Virgem. A sua alma, purificada pelo sofrimento e divinizada pelo amor, o Senhor dava assim o gozo antecipado das delícias do Céu. Os anjos da guarda de suas Irmãs se mostravam visíveis a ela e Deus a fazia participar algumas vezes da glória que os espíritos bem-aventurados encontram nele. “Essa participação, ela escrevia, era mais abundante no dia da festa de cada santo; parece-me que uma luz comum nos fazia haurir na mesma fonte e me mantinha arrebatada com eles no objeto de sua glória e de seu amor”.

O fim de sua peregrinação na terra não estava distante. Ana Madalena o sabia e, desde o princípio de sua juventude, ela havia assegurado com segurança que morreria aos trinta e três anos. Chegada a essa idade tão desejada, ela não podia mais conter os arroubos de sua alegria. Nos primeiros dias de 1730, ouviram-na exclamar: “Vou morrer neste ano. Morrer aos trinta e três anos, como isso é belo!” No fim de janeiro, como uma epidemia de gripe se disseminasse na Comunidade, Ana Madalena começou subitamente a cuspir sangue, o que lhe pareceu ser o sinal da vinda do Esposo. Contudo, ninguém suspeitou da gravidade de seu mal e somente acreditavam em seu fim próximo porque ela o anunciava. Sua doença deveria ser de curta duração. Mas Deus, querendo tratá-la como vítima até o fim, uniu as penas da alma ao abatimento físico e, segundo sua expressão, tudo

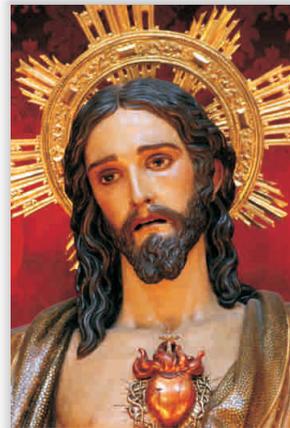


nela foi crucificado. Bem longe de se queixar disso, ela dizia: “Eu não teria acreditado que Deus me desse a tão grande graça de me enviar o puro sofrimento”. Pediu para receber os últimos sacramentos e, depois de uma confissão geral reclamada por sua humildade, disse ao confessor: “Ah, meu Pai, como são grandes as misericórdias de Deus! Fale-me do Coração de Jesus!” Ao aproximar-se o Santo Viático, exclamou em um transporte de alegria: “Será bem verdade que é agora o feliz momento em que vou abismar-me no Coração de Jesus?” Pouco depois, expirou, com veementes esforços de amor, e sua alma, como uma pomba branca, voou para o seio de seu Bem-Amado. Era o dia 15 de fevereiro, às cinco horas da manhã. Ana Madalena tinha trinta e três anos, dois meses e dezessete dias.

## *O coração milagroso de Marselha*

**N**o exato momento de sua morte bem-aventurada, uma claridade luminosa apareceu acima do mosteiro e sobre o castelo da Glacière, onde morava o senhor Remuzat. Os que foram testemunhas disso não hesitaram em dizer que a bem-aventurada havia morrido, do que tiveram pouco depois a certeza plena. Em todas as partes de Marselha se dizia, com consternação: “A Santa morreu”. E muitos queriam ter algum objeto que lhe tivesse pertencido. Os padres jesuítas da residência do Sagrado Coração pediram à Madre Nogaret que conservasse para eles o sangue de Ana Madalena. Pensou-se, também, em extrair seu coração e, quando o cirurgião começou a abrir-lhe o peito, viu que o nome de Jesus estava ali gravado com letras maiúsculas. Viu também a figura de um coração impressa no lado e, somado de espanto, verificou que somente a mão de Deus poderia ter formado esses caracteres. Tomou-se, então, a máscara mortuária da santa religiosa, em um molde de gesso, que depois foi revestido de cera. Os funerais da humilde Virgem foram um verdadeiro triunfo e Monsenhor de Belsunce, que teve a honra de presidi-los, à frente do capítulo da catedral, achou que devia, nessa ocasião, permitir ao povo numeroso e interessado que penetrasse na clausura. Os despojos mortais de Ana Madalena foram levados à cripta da Comunidade, situada debaixo do coro das religiosas, onde permaneceu até o dia seguinte. Monsenhor de Belsunce mandou que se fizesse um sério exame das marcas singulares encontradas em seu corpo virginal. Tudo foi atestado com certidões formais.

Logo depois da morte de Ana Madalena, muitas pessoas recorreram à sua intercessão junto a Deus e graças milagrosas foram obtidas em tão grande número que sua prima, Irmã Madalena Angélica Vicente, dizia: “Seria necessário que eu escrevesse um mês inteiro, para relatar todas elas”. O túmulo da Virgem de Marselha ficou cercado de veneração até a época infeliz da Revolução Francesa, quando a comunidade do primeiro Mosteiro foi dispersa, como tantas outras. Arrancadas de seu pacífico retiro, as religiosas tiveram de deixar ali o precioso despojo e um silêncio de morte se estendeu





sobre seus restos benditos, que as mais ativas buscas não conseguiram descobrir. Outras preciosas relíquias, felizmente subtraídas a todas as perquisições e postas em lugar seguro durante a tormenta revolucionária, permaneceram como verdadeiro tesouro das Irmãs de Ana Madalena. Elas veneraram com piedade e confiança o seu coração, esse coração que foi introduzido um dia no Coração de Jesus, abrasou-se nesse contacto e foi encontrado cheio de sangue vermelho e líquido quando foi aberto, cinquenta e três horas depois da morte da Serva de Deus.

Fechado desde então em uma graciosa caixa de madeira esculpida, é objeto de milagrosa conservação, sem nunca ter sido embalsamado. Depois da dispersão das Visitandinas do primeiro Mosteiro, em 1985, seu coração passou a ser custodiado na Basílica do Sagrado Coração. Sua lembrança, transmitida de geração em geração, foi fielmente conservada na pequena aldeia de Auriol, onde, no fim do século XIX, ainda se mostrava o quarto que foi ocupado por aquela que ali sempre foi conhecida como Bem-aventurada e Santa.

Os resultados da missão confiada por Nosso Senhor a sua humilde apóstola continuam sensíveis e duráveis. A Confraria do Sagrado Coração de Jesus, estabelecida por seus cuidados, floresceu até a dispersão da Comunidade, por ocasião da maldita Revolução francesa e foi reposta em vigor depois da restauração do Mosteiro, em 1806. A fim de dar-lhe um desenvolvimento ainda maior, em 1880, Monsenhor Robert, então bispo de Marselha, obteve de Roma um breve, erigindo-a em Arquiconfraria. Quanto ao voto feito pelos habitantes de Marselha, foi cumprido sem interrupção, mesmo nos nefastos dias do Terror.

No fim do século XIX, a igreja da Visitação oferecia, na festa do Sagrado Coração, o espetáculo de uma multidão imensa, na missa celebrada pelo senhor bispo. Os honoráveis membros da Câmara de Comércio, diante da ausência da municipalidade, que se abstinha de comparecer já há vinte anos, ofereciam o tradicional círio e compareciam à Santa Comunhão. O senhor Bispo renovava a reparação e a consagração compostos por Monsenhor Belsunce. Enfim, a procissão solene, para a qual as ruas que percorria eram interditas, se fazia com não menos fidelidade, terminando na catedral. O nome bendito de Ana Madalena lembra sempre que ela foi a mediadora desejada entre Deus e seu povo e a propagadora da

devoção tão cara a Marselha, que depois dela, espalhou-se por todo o mundo católico. Numerosos favores obtidos por sua intercessão reanimaram nos corações o desejo de ver a angélica Virgem elevada às honras da beatificação. O então bispo Monsenhor Robert, atendendo a cartas postulatórias que lhe foram apresentadas para esse efeito, abriu, em 1885, um processo diocesano que levou à introdução da causa em Roma, em 24 de dezembro de 1891. Numerosos “ex-voto” oferecidos em reconhecimento de graças recebidas justificam, comprovando seu crédito no Céu, essas palavras que ela pronunciou: Deus, que é todo poderoso, não tem o poder de recusar algo a uma alma que se dá a Ele sem reserva.

---

## *Oração pela beatificação*

Deus Todo Poderoso e misericordioso, que Sois admirável em Vossos Santos e nos dais neles exemplos a imitar e intercessores junto a Vossa divina Majestade, Vós que prometestes glorificar aqueles que trabalharam para Vos glorificar, dignai-Vos ouvir nossas orações e conceder-nos a alegria de ver venerada nos altares a Vossa fiel serva Ana Madalena. Lembrai-Vos de tudo o que ela fez e sofreu para Vos agradar e estender o reino do Sagrado Coração de Vosso bem-amado Filho. Exaltai-a, na proporção da humildade profunda com que ela quis viver e morrer. Fazei conhecer, cada vez mais suas heróicas virtudes e brilhar o poder que ela tem diante de Vós, pelos milagres que a Igreja reclama para a beatificação de Seus filhos. Inspirai a Vossos fiéis a confiança que obtém os prodígios, o fervor que os merece, a generosidade que reconhece os benefícios recebidos. Inclinaí a grande alma do chefe supremo da Igreja a acolher favoravelmente nossos pedidos, a fim de que, depois de ter sido a imitadora de Santa Margarida Maria Alacoque, Ana Madalena logo participe com ela das honras do culto público reservado a Vossos santos. Nós Vos pedimos, ó Deus justo e bom, pelo Coração Santíssimo de Vosso Filho, que vive e reina convosco e o Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Amém.